

Declaração de Tóquio

Fabíola de Oliveira*

Nós, os participantes da 1ª Conferência Mundial de Jornalistas Científicos, incluindo 165 jornalistas científicos de 31 países, reunidos em Tóquio, Japão, entre 10 e 13 de novembro de 1992, declaramos o seguinte:

- Convencidos que o Jornalismo Científico é uma atividade de importância primordial, numa era em que a ciência e a tecnologia permeiam a vida humana de maneira global;

- Reconhecendo que a conscientização pública sobre ciência e tecnologia é de importância particular para sociedades em desenvolvimento, afirmamos que o jornalismo científico pode ser tanto um veículo de conhecimento, como um instrumento para a melhoria da qualidade de vida das populações;

- Conscientes de que a ciência e a tecnologia podem servir tanto para o mal como para o bem estar das sociedades, os jornalistas científicos devem levar em consideração das consequências sociais e ecológicas potenciais dos avanços tecnológicos;

- Reconhecendo que o jornalismo científico é uma profissão, o seu desenvolvimento através de programas de treinamento e educação é necessário para a melhoria da profissão;

- Conscientes de que a cooperação entre jornalistas científicos, a troca de informações em nível internacional e a colaboração mútua devem ser promovidos; e

- Conscientes de que a compreensão pública da ciência requer o acesso às fontes de informação, a interação avançada entre cientistas e a mídia se torna, portanto, essencial;

Recomendamos o seguinte:

- Todos os jornalistas científicos devem se propor a proporcionar assistência de benefícios mútuos a seus colegas em todo o mundo;

- As organizações estabelecidas de jornalismo científico devem dar assistência sempre que necessário e/ou solicitado às associações nascentes;

- A comunidade científica, incluindo as associações e as instituições dos setores público e privado, devem permitir e possibilitar o livre acesso às informações de pesquisas e projetos de desenvolvimento;

* **Texto de Fabíola de Oliveira** - jornalista, editora de divulgação científica do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), e vice-presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC).

- A UNESCO, em parceria com organizações e universidades de renome em treinamento profissional, deve continuar a iniciativa e a expansão de atividades que promovam o jornalismo científico em todo o mundo.

Mais especificamente, recomendamos que:

1. A UNESCO e seus parceiros incentivem o estabelecimento de novas associações de jornalismo científico aonde elas ainda não existem;

2. A UNESCO e seus parceiros promovam o intercâmbio entre as associações de jornalismo científico existentes, visando o estabelecimento de uma verdadeira rede global;

3. A UNESCO e seus parceiros continuem a incentivar a inclusão da disciplina jornalismo científico nos currículos das universidades, e a promover a cooperação entre universidades;

4. A UNESCO e seus parceiros continuem a oferecer cursos de curta duração e programas de treinamento para o aperfeiçoamento do jornalismo científico;

5. A UNESCO e seus parceiros estudem a possibilidade de estabelecer um prêmio internacional para incentivar o jornalismo científico no mundo;

6. A UNESCO e seus parceiros patrocinem futuras conferências periódicas, para dar continuidade à iniciativa bem sucedida da 1ª Conferência Mundial de Jornalistas Científicos.

AS IDÉIAS DO COMANDANTE COUSTEAU SOBRE DESENVOLVIMENTO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Jacques Yves Cousteau, divulgador científico e presidente da Fundação Cousteau, fez uma longa e instrutiva palestra na abertura da 1ª Conferência Mundial de Jornalistas Científicos em Tóquio, Japão, no dia 10 de novembro de 1992. Cousteau apresentou um discurso crítico, em tom de denúncia e alerta contra a miséria e a degradação do meio ambiente no mundo. A imagem de um divulgador quase romântico do meio ambiente, foi substituída em Tóquio pela presença marcante de um velho navegador, cuja experiência de décadas percorrendo os ambientes mais remotos do planeta deu lugar a uma consciência crítica e realista sobre as questões do meio ambiente, do homem, e do desenvolvimento. Colocamos aqui alguns trechos da palestra de Cousteau:

- Sobre as contradições do desenvolvimento:

"O uso permissivo da expressão "desenvolvimento sustentável", cheia de promessas mas sem sentido, é típico da confusão generalizada em que estamos vivendo: qual é o objetivo principal da vida hoje em dia? morrer ricos ou vivermos felizes? Competição ou cooperação? (...) O prazer, a satisfação pessoal e egoísta, podem ser facilmente comprados. Eles substi-

tuíram a alegria no coração de milhões de pessoas e famílias, sob a influência alienante da propaganda."

- Sobre o descrédito da mídia:

"As pessoas, finalmente emergindo da ignorância, mas imersas em uma avalanche de informações incoerentes, lutam num oceano de confusão. Elas precisam de esclarecimento, precisam saber dos fatos, até mesmo das notícias ruins; elas estão sendo enganadas há tanto tempo, que não mais acreditam em seus líderes, em seus representantes, e na mídia. E o relacionamento entre a Ciência e a Mídia espelha esta confusão. As duas comunidades não falam a mesma língua, alguns poucos intérpretes não são ainda suficientes para conquistar a opinião pública."

- Sobre os cientistas e a sociedade:

"A nova responsabilidade dos cientistas é romper com este perigoso laço de desconfiança, dissipar a confusão nas mentes das pessoas, restaurar a confiança em nosso destino e o orgulho individual em cada ser humano. Cientistas antigos como Aristóteles, Newton, e até mesmo Darwin, eram muito mais próximos das populações do que seus parceiros modernos, que desprezam disciplinas consideradas não-científicas como a filosofia e a ética. A ausência da separação entre a Igreja e o Estado, ou entre a divindade e as belezas naturais do mundo, mantinham a ciência dentro do domínio da filosofia e da ética, ou seja, dentro de uma visão moral do mundo. Com o desenvolvimento do mundo ocidental, e a vasta aquisição de informações, o volume massificante de conhecimento causou a compartimentação da informação e separou a ciência das outras disciplinas. É uma tragédia do mundo moderno que tem destruído a necessária conexão entre as verdadeiras raízes da ciência e do humanismo."

- Sobre o isolamento dos cientistas:

"Isolados da ética, da moralidade, e do humanismo, os cientistas se tornaram orgulhosos de sua "objetividade". Eles se apossaram da "verdade", mas no seu isolamento da "realidade" passaram a criar "absurdos lógicos". O **valor livre** das interpretações **sem valor**. Esta separação permitiu à ciência abrir caminho para algumas tecnologias que nunca deveriam ter sido desenvolvidas. Todo o sistema militar-industrial, por exemplo, é contrário a qualquer visão do mundo que valorize a vida humana e a dignidade individual. (...) Muitos cientistas se orgulham de que a pureza de sua ciência não tenha sido contaminada pelas considerações do mundo real. E, de fato, o sistema acadêmico chega a grandes extremos que promovem este isolamento. Cientistas em todo o mundo têm sofrido restrições, que lhes impõem o silêncio quanto às chamadas tecnologias sensíveis. Existem muitos cientistas que buscam alcançar o público e se envolvem no desenvolvimento de políticas racionais e sustentáveis no homem e no meio ambiente - mas eles ainda são muito poucos."

- Sobre a ignorância dos políticos e a omissão dos cientistas:

"Políticos e burocratas ignorantes, que não têm o mínimo entendimento sobre a aplicação da ciência a favor das necessidades humanas, têm promovido ou permitido o estabelecimento de políticas que destróem a vitalidade dos sistemas humanos e dos ecossistemas. Como é que estas políticas se desenvolvem? Que é responsável? As respostas são complexas, mas uma coisa é certa - os cientistas não têm realizado um bom trabalho de informação pública, e de esclarecimento aos políticos e governantes, sobre o que é a ciência, sobre o que ela não é, e sobre as suas implicações morais.

- Sobre o papel do cientista e do divulgador de ciência:

"O mundo não pode mais sobreviver sem a ajuda e o comprometimento total de todos nós. O isolamento é inaceitável. Os cientistas são imprescindíveis para traduzir assuntos de alta tecnologia para aqueles que vão eleger ou escolher os seus legisladores e governantes. O público precisa de ajuda. Os cidadãos do mundo devem conhecer as consequências - e as alternativas - para toda tomada de decisão que tenha influência sobre a vida humana e o meio ambiente. Mas o conhecimento dos fatos não é por si só suficiente. Existem aspectos morais e éticos que não podem ser ignorados. Há uma consciência crescente entre cientistas de que a ciência sozinha é não serve à humanidade. Mais do que nunca, temos que encontrar o caminho para integrar a ciência ao humanismo."

CONFERÊNCIA MUNDIAL REÚNE JORNALISTAS CIENTÍFICOS EM TÓQUIO

Jornalistas e divulgadores científicos de 31 países, reunidos em Tóquio, Japão, entre 10 e 13 de novembro último na 1ª Conferência Mundial de Jornalistas Científicos, manifestaram sua preocupação com os padrões de desenvolvimento adotados pelos países do primeiro mundo, que têm contribuído com o crescimento da miséria nos países em desenvolvimento e com a destruição do meio ambiente no planeta. A Conferência, patrocinada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, e a cultura, UNESCO, foi realizada no Conselho de Ciências do Japão, e contou com a colaboração da União Européia das Associações de Jornalismo Científico (EUSJA), Associação Internacional de Escritores de Ciência (ISWA), e Associação Iberoamericana de Jornalismo Científico (AIASPC).

O tema central da Conferência foi "O Resgate da Ciência à Serviço da Humanidade". Na manhã do dia 10 de novembro, o comandante Jacques Yves Cousteau fez a palestra de abertura do evento, quando falou sobre "O Futuro da terra e o Papel dos Jornalistas Científicos". Como porta-voz das discussões que se desenrolariam nos próximos dias, Cousteau discorreu sobre as contradições dos valores humanos provocadas pelos atuais padrões de desenvolvimento, e surpreendeu os conferencistas com suas denúncias

contundentes sobre a responsabilidade dos países desenvolvidos em relação aos pobres e à degradação ambiental.

O programa da conferência de Tóquio incluiu cinco sessões plenárias e uma sessão especial sobre os seguintes temas: Visões Regionais: o Estado da Arte do Jornalismo Científico no Mundo; Jornalismo Científico e Meio Ambiente; Jornalismo Científico e Saúde; Ciência, Tecnologia e Compreensão Pública; Considerações sobre o Futuro do Jornalismo Científico; e, Internacionalização e Problemas de Software de Multimídia no Jornalismo Científico (sessão especial). A Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC) e o Núcleo José Reis de Divulgação Científica, da Escola de Comunicações e artes da USP, têm cópias de todos os trabalhos apresentados na 1ª Conferência Mundial de Jornalistas Científicos. Além dessa programação, publicações e programas de TV e jornalismo e divulgação científica de todo o mundo estiveram em exposição durante o evento. O Brasil participou com exemplares das revistas "Ciência Hoje", "Globo Ciência", "Superinteressante", e com reportagens produzidas pelos programas de TV "Globo Ciência", "Estação Ciência" (Manchete), e da produtora "videociência". Todo este material foi doado, posteriormente, à representação da UNESCO em Tóquio.

Entre os 165 participantes da Conferência, fui a única brasileira convidada pela UNESCO para participar do evento, onde falei sobre "A Cobertura da Imprensa Brasileira na Rio'92". Outros colegas da América Latina, um de cada país, vieram da Argentina, Costa Rica, Cuba, Uruguai e Venezuela. Também fiz apresentação no painel aberto ao público no dia 13/11, no mesmo local do evento, onde o assunto foi: "Como a Ciência pode Ajudar a Terra: Considerações sobre o Papel dos Jornalistas Científicos no século XXI". No dia 16/11, um jornalista do Quênia, outro do Sri Lanka, e eu, participamos de uma reunião com 25 jornalistas do fórum Japonês de Jornalistas de Meio Ambiente, onde falamos sobre jornalismo e meio ambiente em nossos países.

Um dos aspectos mais gratificantes do encontro em Tóquio, foi a constatação clara de que jornalistas e divulgadores científicos estão preocupados com o atraso do conhecimento e da divulgação da ciência nos países em desenvolvimento. Mais além, os jornalistas japoneses, que eram maioria na Conferência - 119 ao todo - manifestaram em diversas oportunidades o seu descontentamento com o padrão de desenvolvimento adotado por seu próprio País nos últimos 30 anos, cópia do modelo consumista e competitivo das grandes nações do mundo ocidental. Para estes jornalistas japoneses, o desenvolvimento exarcebado tem levado à infelicidade das famílias e dos indivíduos, à perda de identidade cultural e das tradições milenares do Japão, além da exploração de países do terceiro mundo. "O nosso País foi contaminado por uma cultura que não é nossa. O preço que estamos pagando por este tipo de desenvolvimento é extremamente elevado, a ponto de transformar a nossa juventude numa geração triste, onde a maior ambição muitas vezes é adquirir o último modelo de computador", desabafou o jornalista Masahiro Okada, diretor da Ciência da NHK, maior rede de televisão japonesa.

Em consequência desta visão, os jornalistas reunidos em Tóquio con-

cluíram que novos paradigmas de desenvolvimento devem ser buscados por todos os países, paradigmas estes que respeitem não só a preservação das diversidades culturais em todo o mundo. O jornalista e o divulgador de ciência devem ter uma visão global do desenvolvimento, que inclua os aspectos sociais, econômicos e políticos da ciência e da tecnologia. Na Declaração de Tóquio, documento final gerado como conclusão da Conferência, os jornalistas afirmaram que a democratização das informações científicas e tecnológicas, e o treinamento de jornalistas e divulgadores científicos com o apoio da UNESCO, principalmente nos países pobres e em desenvolvimento, são condições básicas para que o jornalismo científico contribua de fato com a construção de um mundo melhor.